



# BOPP E O DRAGÃO

Sérgio Buarque de Holanda

NAS páginas que redigiu para servirem de nota preliminar a esta edição de *Cobra Norato* (Rio de Janeiro, 1951), Augusto Meier tenta contrastar com o perfil meio místico do poeta "comedor de caminhos, escoteiro e aventureiro, sempre em estado de transe", a imagem de um Bopp mais doméstico e quase provinciano, o verdadeiro animador do movimento modernista no Rio Grande. Por lúcida e exata que seja a análise interpretativa empreendida logo depois por Américo Facó, creio que ficaria incompleta sem a evocação do autor, e sem um pouco daquela intenção confidencial que impregna aliás os dois estudos impressos no volume.

Para aqueles, ao menos, que conviveram mais demoradamente com Raul Bopp, antes da fase consular e estatística, o poeta parece inseparável de sua poesia. Formam ambos uma harmonia tão inteira e acabada, que dividir um do outro é correr o risco de mutilá-los.

Não guardo lembrança muito nítida de como e quando eu próprio principiei a conhecê-los. Sei apenas, de *Cobra Norato*, que andou de mão em mão, numa espécie de "cadeia" datilográfica, anos antes de imprimir-se, e foi numa dessas cópias que a li pela primeira vez. A publicação em livro fez-se bem mais tarde, por iniciativa de amigos, na ausência e à revelia do poeta.

Deste — do poeta — minha lembrança mais viva é metropolitana e cosmopolita. Surpreendi-o no meio de sua volta ao mundo; a menor, que principiou em Santos, a bordo de um Maru, e passou por Berlim, depois de tocar em Sumatra e antes de alcançar Havana e Lá Paz. A maior, já sabemos que foi nas terras do Sem Fim da Amazônia (Canoa de vela. Pé no chão ouvindo aquelas mil e uma noites tapuias).

O AVISO da aparição tive-o na Alemanha, depois de deixá-lo meses antes no Rio de Janeiro, de malas prontas para Assunção. Vinha num cartão postal datado de Singapura, quando eu o supunha instalado no Paraguai. Meses depois irá manifestar-se em um apartamento de Wilmersdorff. Das va-

lises ainda marcadas por etiquetas e poeiras da Transsiberiana (quatorze dias entre Vladivostok e Bjele-Sjelovskaya) emergirão aos poucos os seus meteoros familiares. A moeda de bronze que pesa meia libra, o manuscrito de *Cobra Norato*, o quimono de legítima seda *shin-shung-shah*, o chapéu tropical, a caveira pre-histórica para servir de cinzeiro, a constituição da República Argentina ("no hay artículo primero"), as três latas de caviar "Molossol", um guia turístico-*"How to be happy in Warsaw"*. Em breve tudo se dissipará, porque o poeta é perdulário e dádivo. Tudo, menos o quimono comprado em Changai, que presta serviços à noite, porque tem um dragão dourado, bom para espantar os espíritos daninhos.

Em Berlim pudemos arrancar-lhe, Ildefonso Falcão e eu, a promessa de que ficaria. Ficaré, mas não antes de dar mais umas voltinhas "Vou ali, já venho". As notícias que passaram a chegar-nos vinham das paragens mais inesperadas, e sempre naquele idioma especial que inventou e que não se sujeita a tradução sem tirocinio. Um telegrama de Salônica dizia mais ou menos: "Istambulissimo inegptivel atenezarei". Isto significa evidentemente: "Istambul é uma delícia. Desgraçadamente não me será possível ir até ao Egito, conforme era meu propósito. Sigo entretimentos para Atenas". Um postal da Itália trazia simplesmente um risco a tinta e, mal desenhados, a uma das pontas, o campanile de São Marcos, à outra, a torre Eiffel. Queria dizer que embarcaria em Veneza com destino a Paris. E se estou bem lembrado, ainda tinha um croquis da Porta de Brandemburgo. Tradução: "Já volto (a Berlim)".

DURANTE os meses (quase um ano) em que parou conosco na Alemanha, Bopp não abandonou um só momento aquele mundo a que, na *Norato*, dera voz articulada. De repente, entre as luzes multicoloridas de Kurfürstendamm, sofria a invasão do mato de folhas níqueladas. As estrelas punham-se literalmente a despencar em cachos e silêncio fazia *tin-tin*. Havia seringueiras mecanizadas nas estações do metrô e ao fundo dos cafés, emitindo do bojo a pele aséptica da Cobra. Rainha Luzia ficava esperando no Zigeunerkeller. Agora sem boiuna. No Wansee ou no Wellenbad o poeta estirava-se nas praias postíças e lá vem musangulá. Pelo calor forte de julho fechava-se às vezes no quarto, a tiritar de febre: lembrança da madrinha velha que o tinha batizado com água de trinta e três igarapés da Amazônia.

Apesar de tudo não se descuidava de recrutar verdadeiros ou falsos profetas para a seita que ajudara a suscitar em São Paulo, juntamente com Tarsila e Oswald de Andrade. As surpreendentes consonâncias entre certas filosofias irracionistas da Alemanha de 30 e as doutrinas da Antropofagia não podiam deixar de apelar para seu entusiasmo. Um dia descobriu os livros de Ludwig Klages onde se desvenda, depois de Bachofen, o segredo da humanidade perdida dos pelagos, dos lícios, dos etruscos, com o predomínio do patriarcado sobre o patriarcado, do princípio lunar sobre o solar, da noite sobre o dia, da água sobre a terra, e a afirmação da aliança fundamental entre o corpo e a alma (*Seele*) perturbada nos tempos históricos pela irrupção do espírito (*Geist*). Esse descobrimento extasiou-o. Ainda agora tenho aqui a meu lado um exemplar do *Eros Cosmogônico* de Klages, cheio de anotações marginais (às vezes simples indicações de endereço ou número de telefone — por exemplo; Uhland 6778) rabiscadas com sua letra.

OUTRO relâmpago veio da antiga seita dos Naassenos ou Ofitas, que descobrimos num volume erudito sobre a Gnose. O simbolismo de Ofis, da Cobra, que impregna numerosas seitas gnóticas e se acha à base da doutrina, explica-se pela relação entre essas seitas e os velhos mistérios helênicos ou orientais, onde a cobra desempenha tamanho papel. Okeanos abraça o mundo como uma cobra imensa. A cobra que morde a própria cauda é expressiva do eterno retorno dos seres, do. Um que se

desmancha no múltiplo e do múltiplo que volta à unidade. Ela é, além disso, o animal mântico, pneumático, profético: a Pítia aparece figurada com uma serpente ao regaço. E é o animal anímico: quando o homem morre, a alma deixa seu corpo sob a forma de cobra. Como constelação, é visível no céu. Como Leviatã — no Antigo Testamento — é o espírito perverso: uma serpente seduz Eva no Paraíso. A vara de Moisés converte-se, por sua vez, numa cobra. O mesmo Moisés erige no deserto uma cobra de bronze. E no evangelho de São João alude-se a ela como um aceno à Salvação eterna.

E' claro que essa simbologia não encontra guarida, toda ela, no mito de *Norato*. Se temos aqui o mesmo "inumerável amante, genio secundador e amável, cujo objeto é o próprio amor no deleite procreativo", "força estuosa das águas e dos pântanos", para dizer como Américo Facó, cumpre não esquecer a existência do seu contrário, do reptil pneumático, e não apenas maligno, mas ainda agudo e solerte, da sutil, da sábia serpente, expressão de um mundo esterilizado, trivializado pelo raciocínio discursivo e pela civilização mecânica.

NÃO é para esta, certamente, que apela o poeta, naquele ritmo serpentino do seu inesquecível *introito*:

Um dia  
ainda eu hei de morar nas terras  
[do Sem fim:  
Vou andando, caminhando, omi-  
[nhando;  
me misturo no ventre do manto,  
[mordendo reizes.  
Depois,

(Conclui na 16.ª Página)

*continua no verso*

## BOPP E O...

(Conclusão)

faço pussanga de flôr de tajá da  
[lagôa  
e mando chamar a Cobra Norato.

E' na pele do dragão amorável que vamos agora participar dos sortilégios da nova Demanda. A rainha Luzia, escondida atrás das serras do Sem fim, parece inacessível mas vale a pena a caminhada por esse mundo ainda placentário, mas já feito à nossa imagem, onde até as plantas, as coisas, os elementos, assumem figura e gesto humanos: a água cansada, os rios magros, obrigados a trabalhar, as flores na dentição, o ar que perde o fôlego.

Representando em uma das suas formas mais exacerbadas, entre nós, aquele preamar modernista que sonhou fazer uma espécie de Brasil autóctono, extreme e, tanto quanto possível, purificado de influxos deformadores, a obra de Raul Bopp conserva, todavia, um sentido próprio e em verdade único. Oswald de Andrade, que criara em *João Miramar*, e desenvolveria depois, em *Serafim Ponte Grande*, um estilo singular de prosa narrativa — estilo que outros autores, mesmo dos mais circunspectos, cuidaram mais tarde de utilizar a seu modo, não sem extrair-lhe primeiro as partes chamadas pudentas — cingiu-se largamente, na fase "antropofágica", às formas irônicas e líricas. Saul Bopp, que andou ativamente associado ao mesmo movimento, deu-nos com a *Cobra Norato*, uma das duas obras de timbre quase épico em nossa moderna literatura. A outra é *Macunaima*.

Para remessa de livros Rua  
Haddock Lobo, 1.625.

